Como guerras e crises globais impactam o seguro que sua empresa contrata?

Conflitos internacionais já afetam frete, crédito, governança, cibersegurança e o preço das apólices corporativas

- Guerras, sanções econômicas, disputas comerciais e ataques cibernéticos patrocinados por Estados deixaram de ser temas restritos à geopolítica. Hoje, esses eventos influenciam diretamente o custo do frete, a disponibilidade de crédito, a estabilidade das cadeias de suprimentos e, cada vez mais, a precificação dos seguros corporativos.
- O impacto não acontece apenas em países envolvidos nos conflitos. Empresas brasileiras também sentem os efeitos quando seguradoras e resseguradoras recalculam riscos, revisam coberturas e ajustam preços diante de um ambiente global mais incerto.
- A mensagem é simples: o risco geopolítico entrou definitivamente na conta dos seguros.

O que é risco geopolítico - e por que ele importa para os seguros?

Risco geopolítico é a possibilidade de perdas decorrentes de guerras, terrorismo, sanções econômicas, disputas entre países, restrições comerciais ou tensões internacionais capazes de alterar o funcionamento normal da economia.

Na prática, esse risco chega às empresas por diversos caminhos:

- aumento dos custos logísticos;
- interrupção de rotas comerciais;
- volatilidade cambial;
- escassez de matérias-primas;
- aumento da inadimplência;
- ataques cibernéticos;
- maior pressão regulatória e jurídica.

Para seguradoras e resseguradoras, esses fatores representam aumento da probabilidade de perdas. E, quando o risco aumenta, os preços tendem a acompanhar.

Leia ainda
. **Apesar do contexto complexo da economia, política e geopolítica, setor segurador segue resiliente**

A guerra pode multiplicar o custo do seguro transporte

O exemplo mais visível vem do seguro marítimo.

A escalada recente do conflito envolvendo Irã, Israel e Estados Unidos provocou uma das maiores altas já registradas nos prêmios de risco de guerra para embarcações que transitam pelo Golfo Pérsico e pelo Estreito de Ormuz. Em alguns casos, os custos aumentaram mais de 1.000%, segundo dados do mercado internacional de seguros marítimos.

Antes do agravamento da crise, uma cobertura de risco de guerra podia custar cerca de 0,25% do valor de uma embarcação. Em determinadas operações, esse percentual chegou a variar entre 3% e 10%, dependendo da rota, da carga e da exposição ao conflito.

Para empresas brasileiras, isso pode significar:

- fretes mais caros;
- aumento do seguro transporte internacional;

- prazos maiores de entrega;
- necessidade de rotas alternativas;
- revisão de contratos logísticos.

O Estreito de Ormuz mostra como um conflito local pode virar um problema global

O Estreito de Ormuz é um dos corredores marítimos mais importantes do planeta.

Cerca de 20 milhões de barris de petróleo e derivados passam diariamente pela região, o equivalente a aproximadamente um quinto do consumo mundial.

Quando o conflito se intensificou, centenas de navios permaneceram fundeados ou aguardando autorização para navegar, enquanto seguradoras ampliavam as áreas classificadas como zonas de alto risco.

O resultado aparece rapidamente na economia:

- petróleo mais caro;
- combustível mais caro;
- transporte mais caro;
- seguro mais caro.

Mesmo empresas sem qualquer operação no Oriente Médio acabam absorvendo parte desses custos.

O seguro de crédito virou uma ferramenta de leitura geopolítica

O risco geopolítico também influencia diretamente o seguro de crédito.

Quando há guerras, sanções ou instabilidade econômica, cresce a possibilidade de inadimplência por parte de clientes, fornecedores e parceiros comerciais.

Por isso, seguradoras de crédito passaram a incorporar fatores geopolíticos de forma cada vez mais explícita em seus modelos de análise.

Estudos recentes mostram que instituições financeiras e seguradoras já utilizam cenários geopolíticos para avaliar probabilidade de inadimplência, perdas esperadas e consumo de capital regulatório.

Na prática, isso pode resultar em:

- limites de crédito mais conservadores;
- monitoramento mais intenso de compradores;
- aumento de prêmios em determinados mercados;
- exigência maior de informações financeiras.

Em outras palavras, o seguro de crédito deixou de olhar apenas para balanços financeiros. Agora ele também observa o mapa geopolítico.

O risco chega até a mesa do conselho de administração

As consequências não param na logística ou no crédito.

O ambiente geopolítico também está alterando a percepção de risco nas apólices de D&O (Directors & Officers), destinadas à proteção de administradores e conselheiros.

Hoje, decisões relacionadas a:

- permanência em países sob sanção;
- dependência excessiva de fornecedores estratégicos;
- gestão de riscos cibernéticos;
- divulgação de riscos materiais ao mercado;
- continuidade operacional;

podem ser questionadas futuramente por acionistas, investidores ou órgãos reguladores.

Isso faz com que seguradoras passem a analisar com mais atenção aspectos como:

- governança corporativa;
- compliance;
- gestão de riscos;
- planejamento de contingência;
- monitoramento de fornecedores.

Quanto mais robusta a governança, melhor tende a ser a percepção de risco da empresa.

A guerra também pode chegar pela internet

Uma das mudanças mais importantes dos últimos anos é a crescente integração entre risco geopolítico e risco cibernético.

Ataques patrocinados por Estados, grupos ligados a governos ou organizações alinhadas a interesses geopolíticos passaram a preocupar seguradoras em todo o mundo.

Infraestruturas críticas, sistemas financeiros, empresas de energia, logística e telecomunicações tornaram-se alvos estratégicos.

Além disso, a disseminação da Inteligência Artificial vem ampliando a sofisticação desses ataques. Pesquisas recentes apontam que seguradoras já discutem como lidar com novas categorias de perdas relacionadas a IA, cibersegurança e automação de riscos.

Isso ajuda a explicar por que o seguro cibernético é hoje um dos segmentos mais observados pelo mercado global.

Leia ainda
. **Compartilhamento de Incidentes Cibernéticos: plataforma da CNseg registra mais de 250 incidentes em três anos**
. **Webinar Seguro Cibernético: tipos de riscos e soluções de seguros**

O resseguro absorve o choque - mas não sozinho

Quando ocorre uma guerra ou uma crise geopolítica de grande escala, não são apenas as seguradoras que recalculam seus riscos.

As resseguradoras também fazem isso.

E elas têm um papel fundamental no sistema.

Ao compartilhar parte dos riscos assumidos pelas seguradoras, o resseguro ajuda a preservar a estabilidade financeira do mercado. Porém, quando os riscos aumentam, as resseguradoras podem:

- reduzir capacidade;
- aumentar preços;
- elevar retenções;
- revisar condições de cobertura.

Analistas internacionais alertam que conflitos prolongados podem pressionar a solvência e a capacidade do mercado, obrigando seguradoras a reter mais risco em seus próprios balanços.

Na prática, uma decisão tomada em Londres, Zurique ou Munique pode influenciar o preço de uma apólice contratada por uma empresa brasileira meses depois.

Como seguradoras estão precificando o risco geopolítico

O mercado segurador está investindo cada vez mais em:

- análise de cenários;
- stress testing;
- inteligência geopolítica;
- modelagem atuarial avançada;
- machine learning;
- monitoramento em tempo real.

O objetivo é transformar eventos geopolíticos em estimativas quantificáveis de perda.

Esse movimento acompanha uma tendência observada globalmente: os riscos geopolíticos passaram a figurar entre os principais riscos sistêmicos para empresas e instituições financeiras.

O que sua empresa pode fazer agora?

Independentemente do porte da organização, algumas medidas ajudam a reduzir exposição:

Mapear dependências críticas

Identificar fornecedores, clientes e rotas logísticas ligados a regiões de maior instabilidade.

Revisar programas de seguro

Avaliar com corretores e seguradoras como o risco geopolítico afeta apólices de transporte, crédito, D&O e cyber.

Fortalecer governança

Documentar decisões estratégicas, aprimorar compliance e manter processos robustos de gestão de riscos.

Investir em monitoramento

Acompanhar mudanças em sanções, restrições comerciais e cenários internacionais que possam afetar operações.

Geopolítica deixou de ser um tema distante

Durante décadas, guerras e crises internacionais pareciam assuntos restritos à diplomacia e às relações internacionais.

Hoje, elas aparecem diretamente:

- no valor do frete;
- no custo do seguro;
- no limite de crédito;
- na renovação do D&O;
- na contratação de seguro cibernético;

- na capacidade disponível do resseguro.

Em um mundo cada vez mais conectado, a geopolítica deixou de ser apenas uma variável econômica. Ela passou a ser uma variável central da gestão de riscos corporativos.

Conversa Segura T4#22| Agro, clima e seguro rural: os desafios da transição sustentável

A agricultura brasileira pode liderar a agenda climática global? Como ampliar a produção de alimentos, reduzir emissões e aumentar a resiliência do campo diante dos eventos extremos?

Neste episódio do Conversa Segura, do canal SeguroPod, a jornalista Leila Sterenberg recebe Roberto Rodrigues, ex-ministro da Agricultura, enviado especial da agricultura para a COP30 e professor emérito da Fundação Getulio Vargas; Renato Buranello, presidente do Instituto Brasileiro de Direito do Agronegócio (IBDA); e Giuliano Ramos Alves, diretor do Instituto de Estudos do Agronegócio da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG). Os convidados analisam o papel estratégico do agronegócio brasileiro na transição para uma economia de baixo carbono.

O episódio discute como a COP30 consolidou a agricultura como parte central das soluções climáticas globais e apresenta os avanços do Brasil em áreas como agricultura sustentável, biocombustíveis, recuperação de áreas degradadas e financiamento climático.

A conversa aborda temas estruturantes como:

? O protagonismo do agro tropical brasileiro na agenda climática internacional.

? A produção de soja, milho e trigo de baixo carbono e o avanço das tecnologias sustentáveis no campo.

? O papel da Embrapa, da inovação e da ciência na adaptação e mitigação climática.

? A importância dos biocombustíveis e da matriz energética renovável brasileira.

? Os desafios do financiamento climático para projetos de transição energética e agricultura sustentável.

? O potencial da recuperação de pastagens degradadas como estratégia de redução de emissões e ampliação da produção.

? O avanço do mercado de capitais e do crédito privado no financiamento do agronegócio.

? O mercado regulado de carbono e os desafios de regulamentação para o setor agropecuário.

? As discussões sobre emissões de metano e os impactos sobre a pecuária brasileira.

Um dos principais focos do episódio é o Seguro Rural como instrumento essencial de gestão de risco climático, estabilidade econômica e proteção da cadeia produtiva.

Ao longo da conversa, os convidados explicam:

? Como o Seguro Rural ajuda a estabilizar a renda do produtor e evitar rupturas econômicas no agro.

? Por que ampliar a cobertura securitária é fundamental diante do aumento dos eventos climáticos extremos.

? O papel do Seguro Paramétrico e da tecnologia na redução de custos e ampliação da proteção no campo.

? A necessidade de políticas públicas permanentes para fortalecer o Seguro Rural no Brasil.

? Como práticas sustentáveis e gestão eficiente podem melhorar acesso a crédito, financiamento e seguros.

O episódio também traz reflexões sobre planejamento de longo prazo para o agronegócio brasileiro, incluindo infraestrutura, logística, tecnologia, cooperativismo, acordos comerciais e sustentabilidade como fator de competitividade global.

Ao longo da discussão, Roberto Rodrigues defende uma visão estratégica integrada para o agro brasileiro, conectando produção, segurança alimentar, inovação, financiamento e resiliência climática.

Uma conversa essencial para compreender os desafios e oportunidades do agronegócio brasileiro em um cenário de mudanças climáticas, transformação econômica e pressão crescente por sustentabilidade.

? Como o agro brasileiro pode liderar a transição climática global? Dê o play e entenda os desafios e oportunidades discutidos neste episódio do Conversa Segura.

? Inscreva-se no canal SeguroPod e acompanhe análises aprofundadas sobre seguros, sustentabilidade, economia, gestão de riscos e políticas públicas.

? Compartilhe este episódio com quem acompanha os debates sobre agro, clima, seguro rural e transição energética.

YouTube - Spotify

Fonte: CNseg, em 02.06.2026